

abc — QUE É A ESCOLA UNICA?

Em todos os tempos foram difamadas e impugnadas as ideias novas, que reagem contra a rotina e pretendem modificar os hábitos adquiridos.

Para conquistar a liberdade que hoje possui, a humanidade travou rijoos combates que ainda não estão inteiramente extintos. Em matéria de instrução é sabido que ela primeiro foi privilégio de certas classes ou castas e que para se generalizar foi necessário o esforço porfiado de muitas gerações. O instrução generalizada, a instrução gratuita, a instrução obrigatória, são princípios que para se estabelecerem definitivamente exigiram lutas apaixonadas e até violentas durante muitas dezenas de anos; e se hoje está consignado em todas as constituições de todos os povos cultos o direito do povo à instrução, o reconhecimento desse direito essencial, custou muito esforço e muitas vítimas.

Entre as instituições escolares mais rudemente combatidas, mas também mais arduamente defendidas está a Escola Unica. Nos debates travados na Câmara Francesa quando foram discutidos os sucessivos projectos que consagraram a Escola Unica como a escola da Democracia, ressalta bem o ódio de uns e o amor apaixonado de outros.

E' que aquêles bem sabiam que tal instituição iria acabar com um dos mais imorais pri-

vilégios das classes favorecidas do dinheiro e estes não ignoravam que na Escola Unica se encontrava verdadeira-mente a chave que daria os postos de comando aos mais aptos e não aos mais poderosos.

Mas a ideia venceu e segue; caluniada por muitos, desvirtuada por bastantes, mal servida por alguns, mas apaixonadamente servida por outros a Escola Unica tem-se afirmado em realizações cada vez mais vincantes em quasi todos os povos cultos.

O que é então a Escola Unica?

Em primeiro lugar, a Escola Unica é uma organização democrática do ensino e da educação, pois que pretende estender, a todos, os seus benefícios sem ter em consideração os acasos de nascimento, de fortuna, ou de crenças religiosas, nem os preconceitos de classes ou de castas.

Escola Unica é então o direito para todas as crianças de receberem a mais completa educação que as suas faculdades lhes permitam assimilar, e é ao mesmo tempo o dever que todos os Estados têm de organizar o seu ensino de modo que todas as crianças aptas possam chegar onde as chamem os seus interesses e aptidões, sem que nunca o dinheiro ou a origem constituam uma vantagem ou um obstáculo.

«Todas as desigualdades são injustas: a que dá a uns a ri-

queza a outros a miséria; a que outorga a uns o direito de mandar a outros o dever de obedecer; mas a desigualdade maior é esta: a que a uns com talento ou sem êle abre a porta de todas as instituições de cultura, e a outros com talento lhes fecha todas as portas». E' com esta desigualdade que a Escola Unica pretende acabar tornando acessível a todos os bem dotados os diversos graus do ensino, e impondo o dever a ricos e pobres de convivem nas escolas do Estado.

Num Estado democrático todos os individuos são iguais perante êle; a lei que julga os seus delictos é a mesma; o galardão que os recompensa o mesmo é também. Há, pois, possibilidade de colocar as crianças em igualdade perante a instrução. De que modo? Pela efectivação da Escola Unica. Por isso a Escola Unica é a escola da igualdade que se realizará dentro da Justiça e da Liberdade, pela gratuidade e pela selecção.

A gratuidade é uma necessidade e resulta da igualdade que se estabeleceu das crianças ante a instrução.

A cultura não é mercadoria sobre que se transacione, é um bem oferecido a todos e distribuído de tal sorte que cada um o receba proporcionalmente ao seu mérito e aptidões; a fortuna não dá nenhum direito ou privilégio em relação ao saber.

Portanto, para que se possa realizar a Escola Unica é necessário, antes de tudo, que o ensino primário seja gratuito e obrigatório para todos, e os outros graus gratuitos para quem possua reconhecidas condições de talento.

Com o estabelecimento da gratuidade as medidas de selecção impõem-se. Sem isso encher-se-iam as escolas secundárias e superiores de inaptos e tornar-se-ia impossível todo o estudo sério.

A selecção dos melhores entre todos, e não dos melhores (?) entre alguns é o lógico corolário do principio que se estabeleceu da gratuidade e obrigatoriedade do ensino primário.

Não se pretende com a selecção impor uma impossível tirania; o que se exige é que toda a selecção respeite os interesses das famílias, as aptidões das crianças e a liberdade das consciências.

A gratuidade dá a todos os meios necessários para atingir a cultura; a selecção, sua immediata consequência, val depois estabelecer a hierarquia do mérito, que substituirá a do dinheiro.

Como diz H. Ducos: «A Escola Unica responde às exigências da consciência, não lesando nenhum direito; satisfaz a justiça e repara odiosas iniquidades; emfim, abre-se para todos igualmente. Não lhe peçamos mais».

JOSE ERNESTO RODRIGUES

artes plásticas — PARA ONDE CAMINHA A PINTURA?

depoimento de JOÃO ALBERTO

Necessariamente, para a felicidade dos homens quer sejam pintores, quer o não sejam, a pintura virá a integrar-se no verdadeiro espirito da nossa época.

Uma era individualista vem morrendo; atiram-na para a sombra do passado, os luminosos alvôres duma nova época que se colectiviza mais e mais e se prepara para adoptar, como tesouros comuns de toda a humanidade, os resultados bons dum século de luta encarniçada do individuo contra o individuo.

Seria uma vergonha negarmos os valores alcançados pelos homens que nos precederam. Em Belas Artes êsses va-

lores atingiram tal altura que nos consentem a certeza da objectivação dessas grandiosas formas de arte até aqui incurraladas em preconceitos de estéticas subjectivistas ou na avareza dos temperamentos egoístas.

O tempo da pintura cubista, futurista, expressionista, super-realista, enfim, a época de toda essa batalha extraordinária em que os variados valores dessa arte foram remexidos totalmente, vai conquistar, graças a um sentimento moral da humanidade culta, a sua forma clara e compreensiva.

Sentem-se os movimentos dum pensamento crítico

orientados pelo desejo dignificante de tudo colocar ao serviço da humanidade que trabalha e constroi; o pintor sente-se um homem do povo carregando essa grilhetta enorme do destino, cujo peso monstruoso, arrastado pelo curso dos séculos, terá de ser o fulcro da consciência da força duma colectividade.

Observamos sem desgosto a derrocada da era dissolvente dos palácios, do luxo e do prazer, e os mórbidos louvores à carne morta vão causando repugnância ao homem consciente do seu esforço productivo.

Nesta era actual, dignificamo-nos quer pelos fins, quer

pelos meios da luta que elegemos; temos como finalidade maior a saúde, o conforto e a alegria de todos os homens; preferimos como meio do nosso labôr, um racionalismo cultivado porque, assim, usamos a nossa qualidade superior de animal racional frente não só aos outros animais, como à própria parcela de irracionalismo activo que a nossa constituição alberga. Vemos tudo se transformar à nossa volta e jámais na história se verificou um momento em que, como agora, uma época se afasta tão profundamente do seu passado mais próximo.

(Continua na página catorze)